

## ASPECTOS DA ORALIDADE EM *O DIA DOS PRODÍGIOS*.

Elisangela Fátima Nogueira Godêncio

**RESUMO:** Este trabalho focaliza os aspectos da oralidade utilizados pelas personagens em *O dia dos prodígios*. Para tanto, examina-se neste artigo o processo comunicacional e a estagnação apresentados pelos habitantes de Vilamaninhos, pequeno vilarejo onde se desenvolve o romance.

**Palavras-Chave:** Oralidade; Comunicação; Estagnação

Lídia Jorge, escritora inserida no contexto cultural do cenário político português inaugurado em abril de 1974, iniciou sua carreira com *O Dia dos Prodígios* em 1980. A escritora é uma das vozes mais relevantes da literatura portuguesa e em sua obra, ficção, imaginação e realidade transfundem-se em performances narrativas instigantes que envolvem o leitor e provocam uma reflexão sobre Portugal.

O romance estudado *O Dia dos Prodígios* se mostra como uma representação alegórica do ambiente sufocado e estático da era salazarista, bem como uma avaliação das reais mudanças ocorridas após a Revolução de Abril de 1974. Assim sendo, é possível notar, como temas recorrentes na obra de Lídia Jorge, uma escrita que revela a necessidade de se colocar em evidência a voz feminina; a evocação de um fato histórico (Revolução dos Cravos) visto sob perspectiva daqueles que estavam fora dos grandes centros urbanos, no caso o povo de Vilamaninhos (cidade fictícia referida no romance), que sentiram essa Revolução de maneira diferenciada; um regionalismo no que se refere ao comportamento de cada personagem e, principalmente, a linguagem, pois se apresenta nesta esfera romanesca um modo muito peculiar de representação da oralidade, característico e próprio do povo daquela aldeia.

No romance em questão a linguagem utilizada pelas personagens nas trocas conversacionais é a popular. Trata-se de uma linguagem própria de uma comunidade rural imaginária, em que convivem indivíduos sofridos, em condições totais de abandono por parte das instituições públicas, à margem dos avanços sociais dos grandes centros urbanos. Eles vivem praticamente isolados, apesar do avanço das comunicações e da ocorrência de uma revolução, no caso a dos Cravos de 1974. Esse isolamento decorre da desinformação e do despreparo dos aldeões, e isso também contribui para o não entendimento do mundo moderno, como ilustra o seguinte fragmento: “Era o novo século que estava a começar. Diziam. Muito atrasado nas nossas bandas. Uma era de coisas rápidas, toda feita de rodas e alavancas...” (JORGE, 1982, p. 52).

Como se vê, o povo de Vilamaninhos não se relaciona com o restante do mundo, e sua vida permanece restrita apenas ao que acontece naquele local, entre aquelas pessoas. Nada se sabe sobre o mundo além daquele vilarejo. Situações que, em sociedades civilizadas, seriam pouco relevantes, em Vilamaninhos tornam-se muito importantes.

Nesse universo, o privado confunde-se com o público, devido ao fato de os acontecimentos estarem restritos à vida de cada membro da pequena sociedade da aldeia. Há um interesse muito grande pela vida de todos, o que não quer dizer que esse interesse seja para beneficiar alguém. A invasão da privacidade alheia é uma constante

na Vilamaninhos e isso se dá por mera curiosidade, apenas com o pretexto de preservação dos bons costumes e de auxílio ao próximo.

Para que se estabeleça a comunicação, os aldeões se valem de uma forma de língua que tem seu próprio sistema léxico, sintático e fonético. Trata-se de um dialeto. Para especificar ainda mais, observa-se que há a presença muito forte do idioleto, sistema lingüístico que se constitui como forma local de comunicação, de um único indivíduo ou grupo social, que reflete as características sociais de um povo, os estímulos a que foi submetido, a sua biografia. A presença do idioleto, neste caso, se constitui por meio do embaralhamento dos diversos níveis de fala que compõem o discurso das personagens. A presença desse discurso da oralidade acaba suavizando as hierarquias de falas e, ao mesmo tempo, conduz toda a narrativa para o espaço mais simples das coisas do dia-a-dia.

Em outros momentos, há um ondear de vozes, que afirmam um discurso próprio. Isto sugere que o narrador às vezes se sujeita aos demandas de uma voz superior à dele, a voz da comunidade do vilarejo. Há, porém, uma supremacia da voz que fala sobre a voz que conta.

Eu. Jesuína Palha. Eu  
andava a dar fogo ao forno  
quando ouvi estes três des-  
graçados a pedirem ajuda.  
Mas não deixei que pedis-  
sem duas vezes. Pus os to-  
jos de lado, salti por cima  
da parede, pegui uma cana  
comprida que ali tinha à  
mão, e fui-me para onde  
estes três vai não vai tem-  
tavam mata-la. Sem com-  
seguiem os probrezinhos.  
Ah meus amigos. Ah ca-  
rago. Já a família desta  
terra estava chegando ao  
largo. Ali, Eles que digam  
Estavam todo suadinhos  
de tanta pedrada sobre a  
magana.

(JORGE, 1982, p. 22)

Toda a gente vinha cor-  
rendo a ver a cobra. Che-  
gui eu nessa altura. E vi-  
nha tão cega, que nem me  
apercebi do que via.

Já à primeira vista se observa que, neste fragmento, o texto está organizado em forma de colunas e não é gratuitamente que isto ocorre. Essa disposição possibilita que algumas personagens se expressem concomitantemente. Tem-se aqui o relato dos circundantes, disposto à direita, simultâneo ao relato de Jesuína Palha (personagem que se apresenta como porta-voz da comunidade) disposto à esquerda.

Quando se mergulha no interior da narrativa, é possível notar que, em Vilamaninhos, as condições de comunicação são precárias, pois o único veículo de comunicação que tinham era o rádio de Pássaro Volante (uma das personagens mais velhas da narrativa). Ao relacionar a interação entre pessoas com a comunidade de Vilamaninhos, percebe-se que, na realidade, a comunicação não se processa naquele vilarejo. Quando há uma tentativa de diálogo o desentendimento entre os habitantes se evidencia ainda mais. De acordo com Bakhtin (2004, p. 14), isto ocorre pelo fato da “fala estar indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez,

estão sempre ligadas às estruturas sociais”. Mas a ausência de sintonia presente nessa tentativa de comunicação, essa falta de articulação explícita na fala das personagens, pode ser reflexo da estrutura arcaica do lugar.

Este ambiente arcaico, marcado, entre outras coisas, pela linguagem e pelo comportamento dos aldeões, é indicativo do existir miserável daquele povo, da falta de perspectiva, o que justifica a espera e o adiamento de seu próprio destino. Essa condição está diretamente ligada à opressão ditatorial e ao peso da tradição, pois ambos instigam a supervalorização do passado, fato presente na cultura do povo português, e induzem a não aceitação do progresso.

Stuart Hall (2001, p. 14-15), citando Anthony Giddens, afirma que “nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”.

Nota-se, ainda, no esforço em manter e trazer à tona aquilo que está ultrapassado, o desejo de que a voz da tradição prevaleça sobre as transformações da modernidade. O povo do vilarejo supervaloriza os acontecimentos de um tempo que ficou para trás, tentando buscar ali um refúgio para sua sobrevivência. Esse recordar oferece aos aldeões a oportunidade de se reportarem a um tempo sem crise. Mas o recuo constante a um passado remoto pode resultar na estagnação do presente, ocasionando um afastamento cada vez maior em relação à realidade. O passado é tão enaltecido que o presente se torna obscuro para os camponeses, a ponto de não serem capazes de avaliar as conseqüências do movimento revolucionário de 74. Devido a essa força do passado, o presente se torna um tempo vazio, povoado de idealidades sem propósito.

O culto doentio ao passado tem, também, como conseqüência a descaracterização de um povo, pois aceitam passivamente as condições precárias de sobrevivência em que estão inseridos, refugiando-se em universos paralelos de alienação, que termina por descaracterizá-los enquanto seres humanos.

Parece que essa descaracterização inclina as personagens a uma perda da identidade por viverem confinadas naquele vilarejo. Observa-se que lhes foi impingido um modo de ser e agir que os caracteriza como um povo que perdeu o hábito de refletir, desconhecendo, conseqüentemente, sua essência.

Uma das marcas do linguajar utilizado pelos camponeses é o uso de comparações. Quando descrevem algum fato substituem, com freqüência, os adjetivos, estabelecendo um paralelo com características de animais, suas fisionomias e seus comportamentos. São comuns também as alusões a situações cotidianas compartilhadas pelo povo do vilarejo, como recurso empregado com o propósito de descrever ou especificar algo:

Então Manuel Gertrudes disse. Ah Macário. Ah punhão. Como é possível que eu venha aqui para te falar do que acaba de suceder, e te encontre deitadinho como um animal motes. E depois já de cócoras disse. Dorso curvado. Nem um capachinho debaixo da cabeça, nem um paninho a cobrir-se das moscas. Aqui tombado como não si o quê. Vinha para te dizer o que acaba de acontecer a todos os habitantes. Como um aviso. E vai daí, vejo-te aqui espernegado no chão, sem te mexeres como se estivesses morto pelo flato. Se não afegasses quando te ponho a mão a boca e nas ventas, assim rodeado de bichos, havia de pensar que nem mais mexerias no bandolim (JORGE, 1982, p. 15).

O desconhecimento vocabular dos camponeses faz com que eles se sirvam de imagens para representar o real. Eles possuem conhecimentos plenos acerca da natureza, do seu habitat, por isso os elementos desse meio são empregados para expressarem suas concepções de mundo. Sob o ponto de vista dos aldeões, o uso que fazem da língua é perfeitamente adequado, porém, sob a ótica daqueles que vivem fora do vilarejo, essa utilização da língua se pretende retrógrada e arcaica. Isso ocorre pelo fato de os camponeses viverem em uma espécie de sociedade medieval, marcados por um efeito paralisante, caracterizando a falta de mobilidade social.

Tendo em vista que a oralidade é a forma de comunicação empregada no romance de Lídia Jorge, interessante seria fazer uma explanação acerca deste tema. De acordo com Marcuschi (1986) a área da oralidade, mais formalmente referida como a Análise da Conversação, se liga ao campo lingüístico e está voltada ao estudo da fala, das conversas, das trocas de informações entre indivíduos por meio de signos verbais orais, ou seja, pela palavra dita ou por sua representação.

As expressões oralidade e conversação são empregadas como sinônimos, denominando a área do conhecimento que se preocupa com o estudo da fala e do comportamento dos falantes em um ato comunicativo. O falante, considerado o próprio sujeito do ato comunicativo, possibilita que se construa dele uma imagem. Ao se comunicar, o falante oferece indícios de sua forma de pensar; do modo de ser e de agir; de sua visão de mundo, captados não só por meio daquilo que é dito, mas também pela forma como se expressa, tanto por suas escolhas lingüísticas, tanto pelo seu comportamento. Desse modo, a fala revela o falante e expõe o seu ser.

Este é um aspecto que está presente em *O Dia dos Prodígios*, pois a autora procura identificar os traços de oralidade, expressivamente presentes no texto. Desse modo, é possível verificar, por meio da fala das personagens e por meio da escrita, que a língua não é somente um recurso utilizado para caracterizar as personagens, mas também serve para revelar os problemas intrínsecos à existência humana.

Sabe-se que no romance em questão, a oralidade é fator fundamental na constituição da sociedade de Vilamaninhos, pois quase todas as personagens são analfabetas, exceto Carminha Parda e sua mãe Carminha Rosa. Com isso, percebe-se que o povo da aldeia não possui domínio do código escrito, que é um dos fatores que favorece ao indivíduo o desenvolvimento em sua capacidade de inteligência, gerando conhecimento a ser aplicado na busca de soluções para os problemas da humanidade. Ao aprender a língua escrita, o aprendiz faz uso de recursos mentais que propiciam a organização do pensamento. Isso é necessário para que se possa ter clareza mental. Ao mesmo tempo em que exige recursos mentais, o aprendizado da escrita, desenvolve no indivíduo a possibilidade de ação crítica diante de seu meio social.

Por outro lado, o fato de uma sociedade estar exclusivamente ligada à oralidade não significa que o desenvolvimento humano se torne inviável e nem que o crescimento social fique impedido, pois, como advertiu Rocco (2001, p. 279-280) “nem toda a evolução do conhecimento humano se explica exclusivamente pelo surgimento e domínio cada vez maior e mais sofisticado de uma organização escrita”. Contudo, o fato dos habitantes do vilarejo terem a oralidade como única forma de interação verbal, torna a interdependência entre os membros desta comunidade ainda maior. Devido a isso, os jogos persuasivos encontram grande campo de ação, pela falta de provas documentais que só podem ser obtidas por meio da escrita.

As capacidades de leitura e escrita propiciam ao indivíduo ampliar sua visão sobre tudo o que envolve a vida, pois ambas o colocam em contato com o mundo, fazendo com que ele se defronte com o novo, o diferente. A mudança ocorre de modo

constante e é inerente a ele. Mas, ao se deparar com o inusitado, o indivíduo conhece e ao conhecer o homem se transforma.

Há indícios de que essa impossibilidade de leitura e de escrita, presentes na Vilamaninhos, escravize os indivíduos daquele vilarejo àquilo que lhes é contado, tornando-os reféns de uma verdade que é divulgada pela tradição oral. As histórias registradas na mente de cada indivíduo, os fatos do passado e do grupo social como um todo, sempre recebem alguma contaminação pela subjetividade que é própria do homem. Por esse motivo, as verdades de uma sociedade são repassadas sob o ponto de vista daquele que conta a história. E isso, provavelmente, é um dificultador para o indivíduo, pois o desenvolvimento de uma sociedade está relacionado à sua capacidade de entender o mundo e as diferentes maneiras de ser e existir de seus povos. A escrita exerce a função de transpor as barreiras geográficas. Quando isso não ocorre, em decorrência da não relação entre indivíduo e mundo em que está inserido, há a estagnação e o distanciamento social.

A estagnação é uma característica muito marcante na sociedade de Vilamaninhos, pois os aldeões se mostram completamente alienados em relação ao mundo em que vivem. Isto ocorre pelo desconhecimento que se instala no vilarejo em relação aos fatos históricos e políticos presentes em toda sociedade portuguesa, exceto naquele microcosmo denominado Vilamaninhos. Isto se processa por não haver uma interação entre os habitantes do vilarejo e o outro que está fora do vilarejo. Ao que parece, só existe, como postulou Bakhtin (2004) um “eu-para-mim”, aquele que só se constitui na relação consigo mesmo e não na relação com o outro. Desse modo, de acordo com Bakhtin (2004) a relação dialógica não se processa no vilarejo, mas, observa-se, na obra de Lídia Jorge, que há algumas situações de diálogos que se realizam internamente na narrativa. E estas falas podem expor mais do que os conteúdos verbalizados, expõem a ideologia de cada um.

Ao considerar que as falas produzidas por um sujeito são autônomas, a partir do momento em que são apresentadas e sujeitam-se a múltiplas interpretações, de acordo com os grupos de interação e seus conceitos, observa-se que a ideologia é um aspecto significativo que permeia o estudo da oralidade em *O Dia dos Prodígios*. Isso se processa pelo fato da própria ação do indivíduo ser resultado de conceitos ideológicos nele embutidos durante sua existência. Sob essa perspectiva, como advertiu Santanna (2003), as influências que constituem um indivíduo em seu pensar e em seu agir são manifestadas na interação que se estabelece entre homem e sociedade. Sendo assim, a cada indivíduo não se confere uma idéia particular, pois o interesse específico de cada ser humano representa o interesse coletivo do grupo social em que está inserido. Em cada manifestação, verbal ou não verbal, estão presentes fatores da história de cada indivíduo, pois de acordo com Santanna (2003, p. 25) nem sempre as ideologias apresentam-se através de uma linguagem verbal, mas também e principalmente por meio dos signos não-verbais.

Com isso, verifica-se que a forma de linguagem que se utiliza no vilarejo para estabelecer a comunicação, predominantemente oral, exprime as convicções daquele povo, aquilo que pertence à história deles e que tem um valor significativo: “Chega-te aqui Esperancinha, senta-se nessa cadeira e tira o lenço da cabeça para ouvires o que ainda me lembro sobre a gente dos meus passados. Oh Esperancinha. O avô do avô, que comigo andou ao colo, nasceu das ervinhas. Encontraram-no dento dum balaio como se fosse uma mão cheia de figos para dar a porcos...” (JORGE, 1982, p. 29). Por meio do discurso da personagem José Jorge, observa-se que suas convicções são expressas através da fala, dos diálogos estabelecidos entre ele e sua esposa Esperancinha. Dessa

forma é possível conhecer o indivíduo e ao conhecer o indivíduo conhece-se também a comunidade que ele pertence.

Considerando que em todo processo de interação social está implícita a ação persuasiva, nota-se que, no grupo social de Vilamaninhos, há um envolvimento entre as personagens, sujeitos falantes, em seus atos conversacionais. Isto pode ser observado por meio da personagem Jesuína Palha, pois impõe, a todo tempo aos habitantes da vila, o seu discurso, pelo fato de conhecê-los bem e saber como impressioná-los. Este é um aspecto importante do processo conversacional, pois o agir de modo convincente e o aceitar o proposto pelo outro, como é o caso dos aldeões em relação ao discurso de Jesuína Palha, exigem dos integrantes desse processo o desempenho de suas habilidades interacionais.

Dentro de uma sociedade os indivíduos estão sempre investidos de papéis sociais. Ao identificar as ordenações do poder em um grupo social, ou seja, as hierarquias, os indivíduos identificam uma espécie de padrão a ser seguido com o intuito de alcançar um objetivo. Na Vilamaninhos é diferente, pois, pelo que parece, não há um padrão a ser seguido. Existe uma hierarquia que se constitui pelos níveis de consciência que cada personagem apresenta (as Carmens em relação à sociedade de Vilamaninhos; Branca Volante em relação ao marido, por exemplo), mas, ao que parece, não é algo planejado, as circunstâncias levaram essas personagens a desenvolverem um nível de consciência que caminha para a evolução e não para a estagnação, como ocorre com a maioria que ali habita. Pode ser que essas personagens evoluam, uma vez que já estão um passo à frente em relação aos outros.

Desse modo, a linguagem utilizada pelo povo do vilarejo juntamente com o comportamento daqueles habitantes é fator contribuinte para a alienação da aldeia. Este processo alienatório pode estar vinculado à consciência mítica das personagens, e esta, por sua vez, estabelece um vínculo com a consciência lingüística. Pelo que se percebe, até mesmo as formações verbais de que se valem os aldeões para se comunicarem aparecem como entidades míticas, pois nestes discursos há a presença de mitos que permeiam toda a narrativa. Neste caso, a palavra se converte em uma espécie de potência em que radica todo o ser e todo acontecer.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- JORGE, Lúcia. *O Dia dos Prodígios*. 3. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. A oralidade na escrita de Platão. In URBANO, Hudinilson (Org.). et al. *Dino Pretti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 279-285.
- SANTANNA, Jaime dos Reis. *Literatura e Ideologia*. São Paulo: Editora Novo Século Literário, 2003.